



A MÓVEIS CIMO S.A.:

A Construção da Narrativa no Contexto do Móvel Moderno Brasileiro

SCHWERZ, WESLEY (1);

1. Mestrando no Programa Associado UEM/UEL de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. E-mail: schwerz.w@gmail.com

SOUZA, ANDRÉ FELIPE BATISTELLA (2);

2. Doutorando no Programa Associado UEM/UEL de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. E-mail: andrebatistella@gmail.com

ALVES, ANDRÉ AUGUSTO DE ALMEIDA (3).

3. Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá (PPU-UEM). E-mail: aaaalves@uem.br

RESUMO

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica de cunho exploratório acerca da Móveis Cimo através de livros, artigos e documentos disponíveis de forma digital. Aborda-se o design do mobiliário brasileiro em uma perspectiva historiográfica, através da ótica de Maria Cecília Loschiavo dos Santos (1995-2021) - referência nos estudos nacionais sobre o móvel moderno brasileiro. A arquitetura moderna brasileira gerou impactos relevantes na arquitetura de interiores, em conexão com o design europeu, no esforço de modernização do Brasil, integrando-se ao movimento diversas vertentes de produção e industrialização da mobília. Num contexto em que o Brasil ainda estava distante da formação e educação acadêmica em design, as madeiras nacionais eram utilizadas como matéria-prima para a produção de móveis, novos eixos de produção industrial, intenções políticas de modernização, o móvel moderno atendendo públicos distintos como o popular e a burguesia e na construção de movimentos modernos regionais, considera-se Curitiba como um dos epicentros da modernização no Estado do Paraná, inserindo-se no mercado moveleiro com a nova sede da Móveis Cimo em 1950, desenvolvendo móveis para todo o país e, conseqüentemente, trazendo consigo um contexto periférico de modernização.

Palavras-chave: Design de Mobiliário; Móveis Cimo; Móvel Moderno Brasileiro.



A MÓVEIS CIMO S.A.:

A Construção da Narrativa no Contexto do Móvel Moderno Brasileiro

Introdução

Os impactos socioambientais ocorridos com a modernização e no mundo globalizado, das relações da comunidade com os espaços e a percepção prática, teórica crítica e profissional, é um tema de suma importância de debate e avaliação no design e na arquitetura. Teóricos que envolvem esses temas como o crítico literário Roberto Schwarz, Gui Bonsiepe e Maria Cecília Loschiavo dos Santos apresentam nos seus estudos e pesquisas importantes discussões e relações à função ontológica sobre a atividade projetual, com foco no Brasil, que passou pelo processo histórico de colonização.

No avanço de discussões, questiona-se a função do design no processo de industrialização, como se perpetua nas periferias, em escala mundial, regional ou local, em referência a centralidade de economia - as cidades popularmente conhecidas como as capitais econômicas -, e/ou do papel do colonizador, das vanguardas internacionais, impondo uma caracterização sobre o design a serviço da Revolução Industrial ao longo da história, concebendo novas metodologias e conhecimentos, no design fruto sociopolítico (SCHWARZ, 2014), do design produto do contexto inovador (BONSIEPE, 2011) e o design relacional (SANTOS, 2017).

Gui Bonsiepe (2011), alemão, radicado no Brasil, com seu livro *Design, Cultura e Sociedade* discute as influências ocorridas no processo de industrialização, partindo do contexto econômico e social, tratando o design como produto nacional, definindo uma identidade, de uma simbologia na produção do material, das trocas de experiências, causas e consequências do design industrializado e o design proveniente do artesanato, assim como as discussões e alterações de pensamentos e produções da relação do arcaico e o moderno apresentado por Roberto Schwarz (2014), no seu livro *As Ideias Fora do Lugar*.

Partindo de reflexões fundamentadas na arquitetura, de forma geral, no urbanismo, cidade e sociedade na era moderna, pretende-se investigar o desenvolvimento de um mobiliário moderno na "periferia", através da chegada da Móveis Cimo S.A. no Estado do Paraná, como exemplo de produção do móvel moderno brasileiro. Para tanto, o presente trabalho visa empreender uma revisão bibliográfica sobre a "Móveis Cimo", que se baseia no que Maria Cecília Loschiavo dos Santos nomeia de "fatores gerais da modernização do móvel no Brasil" (SANTOS, 2013, 28p.), ao reconstruir a cronologia dos artefatos junto a história do país e seu contexto, da arquitetura, dos diversos nomes que a compõe, empreendimentos e acontecimentos.



Justifica-se o desenvolvimento do presente trabalho pela possibilidade de reconhecimento do Móvel Moderno Brasileiro sobre uma nova perspectiva, periférica no contexto brasileiro (que tem como referência hegemônica São Paulo e Rio de Janeiro), e em relação à vanguarda europeia.

Para tanto, pretende-se, ao logo da pesquisa, abordar o design de mobiliário brasileiro em uma perspectiva historiográfica, reunindo documentação iconográfica disponível, através de livros e pesquisa sobre o assunto disponíveis em conteúdos digitais, compreendendo assim o estado-da-arte sobre a “Cimo S.A.”, identificando possíveis fragmentos que ainda podem ser discutidos e pesquisados.

A Móveis Cimo S.A.

A Móveis Cimo S.A. se insere no contexto do fim da escravidão no Brasil, com o processo de adaptação econômica e mercantil, transformações do mercado e das influências europeias, valorização da classe operária e investimento em equipamentos e maquinários da industrialização do exterior, inserção nas atividades artísticas em busca de uma identidade nacional, com o movimento moderno brasileiro. Com essa modernização extrapolando os limites da periferia, objetivava fornecer produtos ao mercado popular e institucional para todo o Brasil. Quando este objetivo foi alcançado com êxito, tendo o mesmo foco das indústrias da capital, atendeu-se também o mercado domiciliar, da burguesia, seguindo os movimentos políticos e sociais ocorridos no Brasil de 1880 até os anos de 1980, que alteraram a forma de pensar da sociedade, influenciaram nos movimentos da Móveis Cimo S.A. em cada época, no mercado nacional.

A Móveis Cimo S.A. inicia-se em 1921, quando ainda se chamava “A. Ehrl & Cia”, criada pela família Zipperer. Trata-se do embrião da empresa, uma fábrica de caixas em madeira (CLARO, 2013). Logo, na necessidade de reaproveitamento das aparas de madeira de imbuia, utilizadas para fazer caixas de transporte de laranjas para a Argentina, essa madeira como matéria prima de grande valor no mercado moveleiro que era descartada, inicia-se o desenvolvimento de peças de cadeiras, como assentos, encostos e pés (ARRUDA, 2009; HEYSE, 2009; LINS e SOUSA, 2014; SANTI, 2013; SOUSA, 2013). Tendo precocemente, em seu início, a questão da sustentabilidade com a iniciativa de reaproveitamento de aparas, lança uma política de reflorestamento da empresa (plantio, embalagem e produto), em 1930, prevendo falta de matéria-prima e desequilíbrio ecológico, sendo pioneira no país no reflorestamento para uso em mobiliário (vide na Figura 1 a floresta com manejo de reflorestamento), até a participação em um processo de economia circular, já que os produtos da empresa apresentam alta durabilidade (ARRUDA, 2009; HEYSE, 2009; SANTI, 2013, ZAMONER, 2016).



Figura 1. Vista Aérea de Floresta Mista.

No centro a propriedade de Martin Zipperer circundada pela floresta.

Fonte: Santi, 2013.

Para além da questão do reflorestamento, a “Móveis Cimo” junto a “Thonart” e a “Cama Patente” – outras produtoras de móveis de grande relevância no Brasil – fez parte de um movimento histórico do mobiliário brasileiro, onde, se tentava suprimir a defasagem de móveis de qualidade para o consumo popular, com preços acessíveis, apenas aproveitando o material, padronizando processos e utilizando novas tecnologias. Nessa mesma vertente oferecem produtos a órgãos governamentais, comércios, serviços, instituições públicas e privadas (ARRUDA, 2009; SANTI, 2013).

São os fatores de sustentabilidade, indústria, desenvolvimento regional e público-alvo que fazem surgir as pesquisas sobre a Móveis Cimo S.A., compondo um estado-da-arte amplo, que se encaminha para as mais diversas vertentes.

De Rio Negrinho (SC)

O que antecede a narrativa sobre a Móveis Cimo é a chegada de Josef Zipperer ao Brasil, alemão, que com um grupo de outros colonos, se instalaram na região de Rio Negrinho, atualmente fazendo parte da região da cidade de São Bento do Sul, atraídos pela construção da Estrada de Rodagem Dona Francisca de 1880. Trazendo consigo equipamentos e ferramentas de tanoaria, carpintaria e marcenaria, trazem também a prática que foi alterada ao desenvolvimento industrial inicial do local (FERBER, KINCHESCKI, SOUSA, 2013; HEYSE, 2009; MAFRA, 1993).



Ainda de acordo com Mafra (1993), em Lençol, município nas proximidades de Rio Negrinho, havia um sindicato de produtores artesanais, socialistas europeus, para controlar os preços e a qualidade dos produtos desenvolvidos na região, que, Josef Zipperer, citado anteriormente, fizera parte.

A cultura imigrante e a qualidade das madeiras encontradas na região fez com que, Jorge Zipperer, filho de Josef Zipperer, investisse em um empreendimento na localidade, onde fora construída a Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, inaugurada em 1913. Assim, em parceria com Willy Yung, Jorge Zipperer, iniciou o empreendimento Jung & Cia., que posteriormente seria conhecida como Móveis Cimo S.A. (LINS e SOUSA, 2014; SOUSA, 2013; ZAMONER, 2016).

A cidade de Rio Negrinho não tinha infraestrutura suficiente para os negócios crescerem, logo, a empresa, ainda nomeada de Jung & Cia. passa a oferecer infraestrutura para a cidade, Jorge Zipperer tem papel ativo na construção da estrada de rodagem Irani, ligando Rio Negrinho, em Santa Catarina à Lajeado e Lajeadozinho, distritos de São Mateus do Sul, no Estado do Paraná (CRISTOFONOLINI, 2017; LINS e SOUSA, 2014; SANTI, 2013). Com a morte de seu parceiro, Willy Yung, em 1919, Jorge Zipperer se associa a André Ehrl, quando a empresa passa a se chamar “A. Ehrl & Cia” (CRISTOFOLINI, 2017; LINS e SOUSA, 2014; SANTI, 2013; SOUSA, 2013).

Em 1921 a empresa se firmou através dos irmãos Zipperer, descendentes de imigrantes da região da Boêmia (ARRUDA, 2009), que eram imigrantes alemães e marceneiros de ofício e estiveram presentes na empresa até os anos de 1982 (CLARO, 2013), estes irmãos lançam um marco da relação entre a herança artesanal e fabricação seriada do Brasil (ARRUDA, 2009), dessa forma, se unem Jorge e Martin Zipperer (esse último que residia em São Paulo e estudou no Liceu das Artes e Ofícios de São Paulo), para aproveitar as aparas de imbuia (LINS e SOUSA, 2014; SANTI, 2013).

Jorge Zipperer, antes mesmo de articular o reaproveitamento de aparas para se inserir no mercado com um novo produto, realiza a tentativa de venda das mesmas para produtoras de cadeiras da época, que negaram a matéria-prima por se tratar de uma qualidade elevada perante a madeira que utilizavam, como a canelinha e a grumixava. Assim, Jorge e Martin Zipperer, começam a estudar a viabilidade de produção de cadeiras para comercializar em São Paulo, unem-se as experiências de ambos nos ofícios, relaciona-se São Paulo com a periferia do país, as novas formas de produção, comercialização, disponibilidade das navegações e dos trens, cultura alemã com a cultura local, a cidade de São Paulo com a cidade de Hamburgo, como capitais econômicas através das navegações (LINS e SOUSA, 2014; SANTI, 2013).

A cidade de Rio Negrinho tem a Móveis Cimo S.A. como importante fator de desenvolvimento (HEYSE, 2009). Constrói-se as moradias dos primeiros operários que vieram de São Paulo, residências, alugadas em troca de



três dias de trabalho, pré-fabricadas em madeira, que chegaram a ser comercializadas no Estado de São Paulo (SANTI, 2013; SOUSA, 2013).

A seguir, são apresentadas as premissas definidas pela empresa A. Ehrl & Cia para 1921 a 1923 (Tabela 1), que permanece ao longo de alguns anos na identidade da Móveis Cimo S.A., estas estavam em seus catálogos de produtos com opções de assentos, tons de madeira e tingimentos, o que era novidade para o mercado moveleiro, já que, anteriormente os móveis eram feitos sobre encomenda.

Premissas da Produção e Comercialização da A. Ehrl & Cia.		
Em relação ao produto.	Em relação a produção.	Em relação ao consumidor.
- Resistência; - Durabilidade; - Beleza; - Conforto; - Qualidade aliada a técnica; - Métodos de produção seriada.	- Padronização; - Racionalização; - Economia no custo de fabricação; - Economia na escala de produção.	- Garantir qualidade do produto; - Informar clientes das propriedades dos produtos.

Tabela 1. Premissas da Produção e Comercialização da Indústria Reunidas de Madeiras A. Ehrl & Cia, dos anos de 1921 – 1923.

Fonte: Santi, 2013. Elaborado pelo autor.

Ainda em 1921, a Cimo recebe seu primeiro pedido de cadeiras de cinema, para o Cine Seleta de Santos (CRISTOFOLINI, 2017), o que, por sua vez, encaminhou a empresa para que em 1922 participasse da Exposição do Centenário da Independência do Brasil recebendo premiações por suas cadeiras de cinema. No ano seguinte, participa da Exposição do Cinquentenário da Fundação da Colônia de São Bento, onde também fora premiada (LINS e SOUSA, 2014; SANTI, 2013; SOUSA, 2013).

Em 1923, a A. Ehrl & Cia trabalha conjuntamente à empresa Bollmann & Zipperer, que depois fica conhecida como Fábrica de Artefatos de Madeira de Carlos Zipperer Sobrinho, como fábrica de móveis e esquadrias. Produziam artefatos de madeira como: quadros marchetados de borboletas que eram enviados para o Japão, Rio de Janeiro, Curitiba e Joinville; bem como cinzeiros, lapiseiras, bacias de madeira e contas de madeira para terços e adereços femininos, enviados a Aparecida do Norte, em São Paulo (HEYSE, 2009; SANTI, 2013).

No ano seguinte, 1924, André Ehrl que dava nome a empresa, retira-se da sociedade, tomando o seu lugar Nicolau Jacob. A partir disso, a empresa passa a se chamar N. Jacob & Cia. e atendem além de São Paulo e Rio de Janeiro, um público de Porto Alegre, seguindo as mesmas premissas de 1923, com as metas mais consolidadas. Com mais uma sociedade que não teve sucesso, Jorge Zipperer e Martin Zipperer se unem em 1925, sem mais sócios, para a criação do nome “Jorge Zipperer & Cia” (SANTI, 2013; SOUSA, 2013; ZAMONER, 2016).



Entre os anos de 1913 e 1924, Jorge Zipperer não assumira antes o nome da empresa, pois, era um funcionário do recolhimento de impostos do governo e não queria que conectassem o seu serviço profissional a empresa, podendo acusa-lo de roubo ou fraude (CRISTOFOLINI, 2017).

Com os objetivos de produzir móveis de qualidade mesmo que em produção em grande escala, de comercializar nos maiores centros urbanos da época, como São Paulo e Rio de Janeiro, objetivava-se também a padronização dos componentes e montagem em série.

A Jorge Zipperer & Cia recorreu a modelos contemporâneos, fugindo do comprometimento com o academicismo, se comprometendo com a vida moderna, o dinamismo e as novidades da época, incluindo as mudanças nos programas das residências e instituições de São Paulo e Rio de Janeiro, e no design com influências e até cópia de móveis dos Estados Unidos e da Europa (SANTI, 2013).

De acordo com Santi (2013), as primeiras encomendas que a empresa recebera foram as quais definiram seus caminhos rumo à industrialização, na produção de cadeiras para cinemas, as primeiras décadas suprimiram estas necessidades: de espaços públicos, escritórios e escolas (Figura 2).



Figura 2. Propaganda “Móveis Adequados Fazem Bons Estudantes”.

Recorte de Publicidade de Jornal.

Fonte: Sousa, 2015.

As mobílias ganham tamanho destaque para estes serviços públicos pelas suas práticas higienistas aplicado ao conforto dos materiais, ergonomia, técnica que se estendeu as mobílias de escritório no futuro da empresa (SOUSA, 2013; SOUSA, 2015).



Ainda em 1929, a cidade de Rio Negrinho não tinha energia elétrica, logo, nesse tempo, entre 1921 e 1929, a empresa é quem fornecia energia para toda a cidade através de um gerador. O ano de 1929 foi um ano de grande impacto no desenvolvimento tecnológico da empresa, enquanto outras fábricas do segmento utilizavam madeiras maciças que heterogêneas para o desenvolvimento de móveis padronizados, Jorge Zipperer já tinha implementado a fabricação do compensado, que resultava em chapas de madeira lisas e resistentes e, na aquisição de tantos outros maquinários alemães que tratavam as toras de madeiras, tecnologias antes desconhecidas no Brasil (CRISTOFOLINI, 2017; LINS e SOUSA, 2014; SANTI, 2013; SOUSA, 2013).

O carro-chefe da Móveis Cimo S.A., a cadeira nº 1001 (Figura 3), teve seu primeiro exemplar fabricado entre os dois primeiros anos da empresa, até atingir sua forma definitiva em 1930, quando foi aperfeiçoada quanto/em relação ao processo produtivo, economia de matéria prima e conforto, com qualidades tão atrativas ao mercado, que chegaram a produzir em torno de 30 mil cadeiras por mês (SANTI, 2013; SOUSA, 2013; ZAMONER, 2016).



Figura 3. Cadeira nº 1001, Móveis Cimo S.A., século XX.
Feita de Imbuia maciça e laminada. Fotografia de Flávio Coelho.
Fonte: Santi, 2013.

Inicialmente, buscava-se superar limites das técnicas construtivas em madeira, que era inviabilizada para a produção seriada, e, com a dificuldade de comercialização com os grandes centros urbanos, por localizar-se em Rio Negrinho, em Santa Catarina. A produção em massa e os processos altamente tecnológicos para a época foram incorporados ao longo dos anos, o que ganhou destaque na década de 1930 e 1940 (CLARO, 2013).



Na década de 1930, de acordo com Heyse (2009), cerca de 80% das escolas, cinemas e repartições públicas do Brasil tinham a presença da mobília Cimo. Dentre estas técnicas construtivas de mobiliário se destacam a de madeira vergada que, por fim, foi inserida na cadeira nº 1001 (ARRUDA, 2009; ZAMONER, 2016), sendo pioneira no Brasil na introdução da tecnologia em laminação de madeira (SANTI, 2013).

A cadeira nº 1001 possibilitou de modo inovador a substituição de encaixes colados, a partir do uso do arco vergado, comum das cadeiras Thonet, estruturando a peça e possibilitando a desmontagem, beneficiando a embalagem, o transporte, a estocagem e, conseqüentemente, a comercialização. Martin Zipperer estudava as cadeiras da Cia. Streiff, que fabricava cadeiras com contrafortes entre os pés, mas, não enxergava essa solução como suficiente, pois, queria um produto desmontável. Logo, em conversa com um de seus marceneiros, iugoslavo, comenta sobre as madeiras vergadas, formando meio arcos amarrados aos pés, como na produção de cadeiras austríacas e, assim, surge a referência para a identidade da empresa (HEYSE, 2009; LINS e SOUSA, 2014; SANTI, 2013; ZAMONER, 2016).

Principalmente nestas duas primeiras décadas, a Móveis Cimo S.A. representa um exemplo de determinação e luta em produção seriada de qualidade, com postura científica e empreendedora. Em 1932, a parceria com a Fábrica de Artefatos de Madeira de Carlos Zipperer Sobrinho, se amplia a partir do êxito obtido, permitindo, em 1936, que a empresa adquirisse uma tecnologia alemã de torno semiautomático, uma das primeiras destas no Brasil (SANTI, 2013).

No início da década de 1930, produtos de escritório (Figura 4) – poltronas, sofás, cadeiras fixas e giratórias – tornaram-se importantes na comercialização da empresa também, devido às madeiras com curvas anatômicas que garantiam conforto (SANTI, 2013).

Os projetistas elaboravam os desenhos para os primeiros catálogos da Jorge Zipperer & Cia, pois, não se dispunham de estúdio de fotografia na época para registrar as ambientações dos mobiliários; essa prática se manteve na empresa ao longo dos anos, se tornando também identidade da mesma.

Em 1932 foi inaugurada na Praça da Sé a primeira loja da “Jorge Zipperer & Cia” em São Paulo (CRISTOFOLINI, 2017). De acordo com Santi (2013), em 1935, cria-se a primeira linha de móveis residenciais fabricadas em série, novidade no mercado nacional, intitulada “Lar Moderno – Móveis Compensados” (Figura 5).

Em 1939, Jorge Zipperer deixa de assumir a gestão da empresa, passando os direitos para seu irmão, Martin Zipperer, nomeando assim “Cia. M. Zipperer – Móveis Rio Negrinho – Sociedade Anônima”, deixando de ser uma empresa familiar (LINS e SOUSA, 2014; SANTI, 2013).



Figura 4. Móveis para Escritório Modelos nº 515. Autoria e fabricação Jorge Zipperer & Cia.

Acervo de Foto Weick.

Fonte: Santi, 2013.

Os anos de 1925 a 1939 foram os mais significativos da empresa, no sentido de que há um crescimento na fabricação de móveis, conquistam representatividade em vários estados, aperfeiçoam produtos e investem em tecnologias, aumenta o número de operários e, conseqüentemente, melhora a qualidade de vida da cidade de Rio Negrinho.



Figura 5. Dormitório nº 427. Catálogo Lar Moderno – Móveis Compensados de 1935.

Observa-se duas camas de solteiro que unidas forma uma cama de casal, procedimento inédito no Brasil.

Fonte: Santi, 2013.



De acordo com Santi (2013), devido a notoriedade que a empresa ganhou nesses anos, da disseminação pelos edifícios institucionais, muitos produtos foram copiados por outros fabricantes, que não souberam ou não tinham estrutura tecnológica para os construírem com êxito.

Em 1943, a empresa volta a receber pedidos de móveis escolares, para cinemas e teatros, e, com as dificuldades de obtenção de recursos após a Segunda Guerra Mundial, em um processo mercadológico de interesse, procura-se integrar a outras empresas e, com a morte de Jorge Zipperer em 1944, a Cia. M. Zipperer – Móveis Rio Negrinho – Sociedade Anônima se une as fábricas: Maida Irmãos (de Curitiba), Paulo Leopoldo Reu e Theo Moertel & Cia. (de Joinville), Shauz e Buchmann (de Rio Negrinho), P. Kastrupp & Cia (de São Paulo e Rio e Janeiro), H. Soncini (de Florianópolis), Emílio Rossmark (de Blumenau), Castro, Lima & Cia. (de Salvador na Bahia), J. Leite Bastos (de Recife) e Raimundo Egg & Cia. (também de Curitiba), tomando a razão social de Companhia Industrial de Móveis – Móveis Cimo S.A. (LINS e SOUSA, 2014; SANTI, 2013; SOUSA, 2013; ZAMONER, 2016).

A partir deste ano (1944), nota-se uma produção em série que procurou atender públicos específicos e aos modismos, como uma adaptação ao mercado da época e com a competitividade com outras empresas moveleiras nesse mesmo ramo, o que conseqüentemente, cria uma diversificação dos produtos, perde-se o foco do desenho industrial inicial e se estabelece um novo padrão, com valores mais simbólicos e menos funcionais (CLARO, 2013).

Destas sociedades, primeiramente a matriz se transfere para o Rio de Janeiro, que fica como responsável de vendas para o exterior (em 1944), mas, em 1946, com a saída da P. Kastrupp & Cia da sociedade, a matriz vai para a cidade de Curitiba, definida como ponto central das atividades, para vendas nacionais (LINS e SOUSA, 2014; SANTI, 2013).

Para Curitiba (PR)

Em 1947, já com a matriz administrativa e de criação em Curitiba, se inicia a construção da fábrica da “Móveis Cimo” também nessa localidade. Em 1949, a fábrica de Joinville, que anteriormente iniciada, conclui a sua construção, neste ano estima-se a produção em torno de 500 mil cadeiras escolares, todos os meses (SANTI, 2013).

De acordo com Zamoner (2016), na fábrica de Curitiba se desenvolviam os produtos de luxo e residenciais como salas de jantar e dormitórios, enquanto em Joinville os móveis para público popular e por fim, em Rio



Negrinho, a maior base produtiva, funcionava o setor de prototipagem e produção de estofados, móveis para auditórios, cinemas, teatros, escolas, escritórios e bares.

Outras empresas se filiaram ao grupo, em 1925, a Weihermann S.A., que produzia bancos de igrejas e caixões de defunto, começa a desenvolver móveis no estilo da década e na década de 1950, a pedidos da Casa Gelli, outra indústria moveleira, com crescente demanda dos mercados de Belo Horizonte e Rio de Janeiro, filia-se a Móveis Cimo S.A. por possuir estrutura e tecnologia para o seu desenvolvimento (SANTI, 2013).

De acordo com Santi (2013), alguns dos produtos oferecidos as instituições, como escolas, teatros e cinemas, são interrompidos na década de 1950, assim como os modelos de décadas anteriores, com algumas exceções, como a cadeira nº 1001, que fora produzida até 1975.

Nesse ano de 1950, a Cimo procura modernizar-se através dos móveis residenciais, inovando no desenho e no material, com formas aerodinâmicas, como os conhecidos pés palitos, laminados plásticos, *courvin* em cores vivas para os estofados, características que podem ser vistas no desenho do catálogo (Figura 6).



Figura 6. Catálogo Móveis Cimo S.A. Grupo Estofado nº 8137 de 1950.

Fonte: Santi, 2013.

Os novos desejos da marca se relaciona fortemente com os aspectos sociais e políticos da época, a partir do momento que se destina para a capital mais próxima, Curitiba, ainda que, em situação periférica à economia central do país, a empresa tem como meta alcançar a amplitude nacional com produtos, sobretudo, destinados à burguesia, no momento em que esta classe se aliava aos movimentos políticos em busca de uma nacionalidade, definição e fortalecimento de uma identidade brasileira. Desse modo, uniram-se ao populismo vigente, criando boas relações com a classe operária.



Segundo Santi (2013), nos anos de 1950, os móveis em sua maioria eram criados e desenvolvidos por Martin Zipperer e seus colaboradores, muitos deles aprenderam a desenvolver os desenhos dos produtos junto à produção, verifica-se nessa época a inserção em massa dos estofados nas mobílias.

Logo, em 1952, Martin contrata um projetista holandês, pela primeira vez na empresa a criação se dá separadamente da produção. Nesse momento desenvolve-se uma nova tendência que se popularizou no pós guerra, como o dormitório nº 6230 (Figura 7), com soluções mais criativas, mais trabalhadas, menos econômicas, para uma clientela com melhores condições financeiras.



Figura 7. Armário, Cômoda e Mesinha. Compõem o conjunto “Dormitório Juvenil”.

De Imbuia maciça e compensado.

Fonte: Santos e Sakurai, 2017.

Em 1954 a “Móveis Cimo S.A.” ganha reconhecimento internacional como a maior fábrica de móveis da América Latina (FERBER, KINCHESCKI e SOUSA, 2013; HEYSE, 2009). Em 1959, em substituição dos holandeses, a empresa faz a contratação do designer francês Emille Scofone e sua equipe, que permanecem na empresa até 1977 (SANTI, 2013).

A partir de 1960, a Cimo convive com uma transição na economia brasileira, momento que empobreceu os projetos de autonomia nacional (CLARO, 2013). Nesse momento os projetos eram desenvolvidos em Curitiba e a prototipagem em Rio Negrinho. Emille Scofone intensificou a produção de salas de jantar e dormitórios, contando com tecnologias com estruturas metálicas (Figura 8).



Figura 8. Dormitório de Casal Popular, nº 6760.

Fonte: Santi, 2013.

Relatos de ex-trabalhadores informam a existência também de um designer uruguaio, que realiza visitas semanais e desenvolve novos produtos e consultoria a marca. Atendem diferentes segmentos do mercado e nos produtos residenciais, atendem o público popular, médio e de luxo (SANTI, 2013).

Logo, de acordo com Santi (2013), os empreendedores buscavam atender também um mercado informatizado, onde começava a crescer o desenvolvimento de projetos de design e produção de móveis para escritório.

A produção da década de 1950 é marcada com o início das atividades da fábrica em Curitiba, atraindo o público da capital do Estado do Paraná (Figura 9). Devido as mais diversas contribuições de designers de diferentes localidades, como holandeses, franceses, uruguaio e, em alguns casos, os próprios marceneiros da empresa e Martin Zipperer – que ficou conhecido como o designer da empresa de acordo com Lins e Souza (2014) – os móveis apresentam uma diversificação de materiais, desenhos, formas, ornamentos, modismos, contextos, públicos, tecnologias, estilos, com soluções modernas e do passado em uma única peça, dessa maneira, essa época é avaliada como prejudicial a identidade da “Cimo”.

Os registros dos jornais identificam uma proximidade da Móveis Cimo S.A. com a política nesse momento, "abrindo as portas" da empresa para a visita de Jânio Quadros em sua campanha presidencial, o que gerou várias matérias na época, relacionando a empresa e o sindicato de trabalhadores de Curitiba ao candidato.



Figura 9. Propaganda em Jornal para o Público de Curitiba.
Anúncio do Jornal A Divulgação, de 1963, Edição 179-180, p.15.
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2021. Editado pelo autor.

Santos e Sakurai (2017) identificaram a produção da “Móveis Cimo S.A.” como alinhada à concepção moderna somente a partir de 1950, deixando seu legado no processo de modernização do móvel brasileiro. De acordo com Cristofolini (2017), o designer Martin Zipperer significou um marco para a empresa, pois era amante da beleza, da arte, do progresso, da religiosidade, da cultura e de tudo que se relacionasse com o intelectual.

Em 1965, a “Móveis Cimo S.A.” surge com mais uma vertente, por fabricar móveis multifuncionais, podendo ser institucionais e residenciais, modulares e usos, já que podiam ser divisórias de ambientes (Figura 10).

Além disso, a empresa contribuiu com a lógica de sistema construtivo da época, que construíra ambientes com grandes vãos, salas amplas, móveis esses com composições simples, sem adornos, com volumes, cheios e vazios, cores, diferentes materiais e soluções construtivas, com leveza, praticidade e versatilidade (SANTI, 2013).

A partir de 1970, a empresa apresenta problemas financeiros que contribuíram com o seu fechamento. Em 1966, os lucros começaram a cair, até que, em 1975, o lucro zera, quando começaram a deixar de produzir algumas peças, como a cadeira nº 1001 – que era referência da empresa –, cadeiras de cinemas e escolas. Além disso, essa crise profunda da empresa faz com que ela se perca, também, o controle dos empréstimos realizados. (ARRUDA, 2009; SANTI, 2013; ZAMONER, 2016).



Figura 10. Catálogo da Móveis Cimo de 1965. Estante Aquarius, nº 7612.

Estante Aquarius e sala de jantar Aquarela nº 7610. Inovação na utilização de laqueado e acrílico.

Fonte: Santi, 2013.

Nos últimos anos de atividade da empresa, Scofone se retirou, em 1977, tendo Guilherme Bender assumido o seu posto, que iniciou a sua carreira como designer na Cimo e, atualmente, se encontra na Tok&Stok, chegando a desenvolver móveis até mesmo com fibra de vidro, material incomum e inovador para a época. Ele ficou na empresa nos seus últimos cinco anos e se retirou pouco tempo antes de encerrarem as atividades, em 1982 (ZAMONER, 2016).

De acordo com Heyse (2009), o encerramento das atividades não pode ser visto como o fim da “Móveis Cimo S.A.”, já que seu legado permaneceu. Mesmo após o fechamento da empresa, os ex-funcionários continuaram trabalhando com a produção de móveis em empresas menores de Rio Negrinho.

A “Cimo” se torna uma das fabricantes mais precursoras do Brasil, com seus métodos de desenho industrial, popularizando o consumo do móvel nacional, associado ao programa estético moderno, em cooperação e fusão entre a arte e a indústria (CLARO, 2013).

A Móveis Cimo S.A. atingiu os seus objetivos frente ao desenvolvimento de produtos de qualidade, modernos e duráveis, para os diferentes setores do mercado, criando um dado estético e cultural significativo, visto que estão vivos até hoje nas memórias afetivas de muitos brasileiros (SANTI, 2013).



Considerações Finais

A Móveis Cimo S.A. é apontada como um marco de uma época, sendo, desse modo, referência histórica do móvel moderno brasileiro, inserida na memória afetiva de muitas pessoas. Se instiga e se vê necessário o aprofundamento das pesquisas, documentação e catalogação para ampliar o conhecimento sobre a produção da empresa.

A interpretação de muitos pesquisadores referente ao mobiliário dos anos de 1950 da Móveis Cimo S.A. é que, a empresa perdeu a sua identidade devido à complexidade que assume, quanto aos usos de materiais e formas.

De fato, depois de alguns anos a empresa não possuiu mais o caráter estético e as premissas que apresentou nos anos iniciais de sua trajetória, que se disseminaram por todo o Brasil, não possuiu mais as tecnologias inéditas do mercado moveleiro, entrando em concorrência com outras indústrias do mesmo segmento. No entanto, colaborou significativamente ao mercado, com a incorporação do uso de novas matérias-primas, abrangendo públicos diferenciados. Essa diversificação pode ter gerado uma dificuldade de compreensão do estilo da empresa, pela ausência de definição de padrões, o que reflete toda a efervescência cultural que o design tomou nestes anos, todas as tecnologias e materiais disponíveis às indústrias do mobiliário brasileiro. Ou seja, nos anos abordados nesse trabalho, a Cimo, por si só, conta a história do Móvel Moderno Brasileiro, de uma perspectiva diferenciada e que merece ser aprofundada, já que muitos pesquisadores fizera este aprofundamento somente até a década de 1940.

Referências Bibliográficas

ARRUDA, Glória Lucia Rodriguez Correia de. **O Design na Indústria Moveleira Brasileira e seus Aspectos Sustentáveis**: estudo de caso no polo moveleiro de Arapongas – PR. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho: Programa de Pós-Graduação em Design, Bauru, 2009.

BONSIEPE, Gui. **Design, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Editora Bluscher, 2011. 273p.

CLARO, Mauro. Prefácio. *In*: **Mobiliário no Brasil**: Origens da Produção e da Industrialização. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013. 351p.

CRISTOFOLINI, Marinho. **Móveis Cimo e Sua História**. Rio Negrinho, 2017.



FERBER, Luiza Pinheiro; KINCHESCKI, Ana Paula de Souza; SOUSA, Gustavo Rugoni de. Móveis Cimo S.A.: Notas Iniciais acerca do Mobiliário em Escolas Primárias Catarinenses. **Revista Ambiente Educação**. Tatuapé, Edição de jan/jun de 2013, Pag. 44-53, 2013.

HEYSE, Cirene Linzmeier. **O Desenvolvimento do Setor Moveleiro no Padrão de Design e na Identidade Socioeconômica e Cultural da Região do Alto Vale do Rio Negro**. Canoinhas: Dissertação de Mestrado. Universidade do Contestado: Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional, Canoinhas, 2009.

LINS, Hoyêdo Nunes; SOUSA, Gustavo Rugoni de. Exercício de História Local: Uma saga na trajetória moveleira do planalto norte catarinense. **Revista História Econômica e História de Empresas**. Volume 17, Pag. 605-628, 2014.

MAFRA, Antônio Dias. **A História do Desenvolvimento da Indústria do Mobiliário: Região do Alto Vale do Rio Negro – São Bento do Sul, Rio Negrinho, Campo Alegre**. Monografia de Especialização. Universidade do Vale do Itajaí: Centro de Pós-Graduação em História, Itajaí, 1993.

SANTI, Maria Angélica. **Mobiliário no Brasil: Origens da Produção e da Industrialização**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013. 351p.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos; **Móvel Moderno no Brasil**. São Paulo: Editora Senac São Paulo e Editora Olhares, 2017. 263p.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos; SAKURAI, Tatiana. **Móvel Moderno Brasileiro**. São Paulo: Editora Olhares, 2017. 480p.

SCHWARZ, Roberto. **As Ideias Fora do Lugar**. São Paulo: Editora Penguin Classics Companhia das Letras, 2014. 146p.

SOUSA, Gustavo Rugoni de. **Da Indústria à Escola: Relações da Fábrica Móveis Cimo com o Mercado Escolar (1912–1954)**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado de Santa Catarina: Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2015.

ZAMONER, Michele Tais Dalle Carbonare. **Estudo sobre a Durabilidade do Mobiliário da Cimo S.A.: Uma Contribuição para o Design de Móveis**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná: Programa de Pós-Graduação em Design, Curitiba, 2016.